

Coleta seletiva será obrigatória

A partir de janeiro do ano que vem, todo brasileiro estará obrigado a fazer a separação do lixo que produz em casa. As empresas responsáveis pela coleta deverão transportá-lo, selecionados, para as cooperativas de catadores brasileiros. Daí em diante, os catadores farão a venda do lixo para as indústrias de reciclagem. O mundo ideal, onde a coleta seletiva no Distrito Federal estaria eficientemente organizada, foi descrito na Lei distrital 3.890, de 7 de julho de 2006. Mas, como acontece com muitas outras leis brasileiras que não são aplicadas, tem tudo para continuar na condição de fábula.

Até agora, o governo não tomou providências para viabilizar a implantação da lei que disciplina a coleta seletiva. Os moradores da cidade também não foram avisados da alteração, nem foi feita a campanha educativa prevista. Empresa responsável por mais da metade da coleta de lixo do DF, a Qualix não se manifestou sobre como vai cumprir a determinação. "A verdade é que não estamos preparados. O poder público criou a lei, mas não fez nada mais do que isso", reconhece o secretário de Meio Ambiente do DF, Rubens Martins. Despedindo-se da pasta, Rubens não economiza críticas à empresa contratada pelo governo para fazer a coleta seletiva. "Os compromissos ambientais assumidos pela Qualix com o governo foram todos desrespeitados."

Procurada desde quarta-feira pela reportagem do Correio, a Qualix não quis detalhar como procede em relação à coleta seletiva e nem que planos tem para a reciclagem no DF. A empresa renovou o contrato com o GDF na última semana, na esteira de denúncias do Ministério Público quanto a supostas irregularidades em sua atuação. A Qualix informou apenas que passa por reestruturações e decidiu se manifestar apenas quando o processo estiver terminado.

Pouco trabalho

O pesquisador Benício de Melo Filho acusa a Qualix de simplesmente esconder o lixo em aterros sanitários. "O único trabalho deles é tirar o lixo das vistas dos moradores", denuncia. Professora da UnB, Maria do Carmo Bezerra, concorda: "O que adianta o morador selecionar o lixo, se o caminhão vem e mistura tudo?" Para ela, a separação do lixo só vai virar hábito quando o morador acreditar que o material tem um valor e quando o governo assumir a questão como política pública.

A separação, o transporte e a venda do lixo, quando acontecem, costumam ser feitas de forma pouco organizada pelos catadores, que repassam o lixo

para empresas atravessadoras. São essas últimas que transportam o material para as indústrias de reciclagem, localizadas em sua maioria no sul e no sudeste do país.

"Os catadores ficam nas mãos de empresas que vendem o material para as indústrias. E também dependem da autorização dos moradores para ir aos blocos buscar os materiais. Ou seja, estão desprotegidos em todos os lados da cadeia", aponta a professora Maria do Carmo Bezerra. Cerca de 6 mil catadores trabalham no Plano Piloto, sendo que apenas 2,5 mil deles estão organizados em cooperativas. "É um trabalho de formiguinha, muito pouco reconhecido pela população da cidade", comenta a professora.

Os explorados

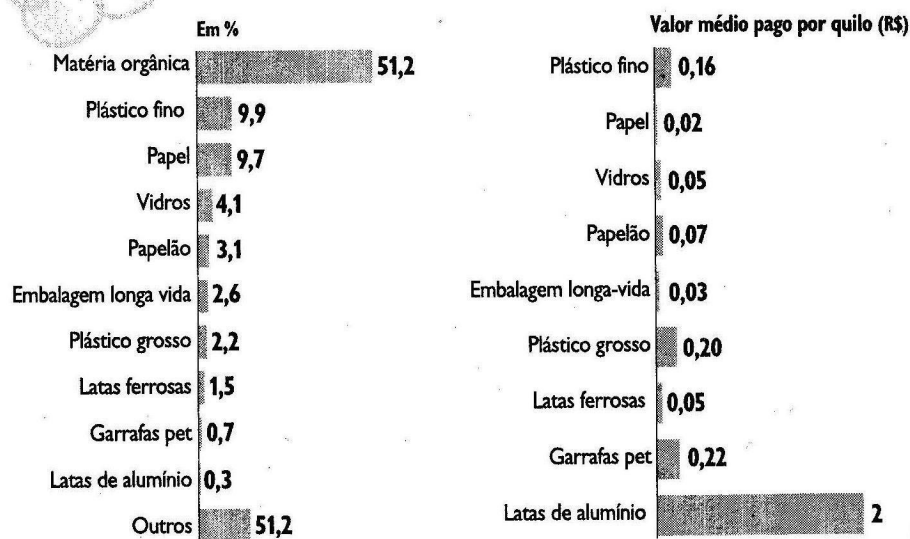
Diretor de Renda e Trabalho da Fundação Banco do Brasil e autor de tese de mestrado sobre os catadores brasileiros, Jorge Streit concorda que, pela situação de fragilidade econômica, os catadores acabam explorados pelas empresas atravessadoras. "Nossa ideia é que eles trabalhem em bloco para que possam conseguir preços melhores ou que negociem diretamente com as indústrias de reciclagem", conta Streit. Em Brasília, a Fundação Banco do Brasil apóia a criação de uma central de cooperativas de catadores. "Ao se juntarem, eles aumentarão a rentabilidade do negócio", aposta.

As indústrias de reciclagem no Brasil funcionam, em média, com apenas 60% de sua capacidade, por falta de matéria-prima, segundo informa o diretor-executivo da ONG Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), André Vilhena. Em outras palavras, as indústrias precisam de lixo. "Todo lixo recolhido tem comprador certo. Basta que a sociedade se organize para vendê-lo", afirma Vilhena que, destaca ainda, a importância do negócio para a preservação do meio ambiente. "Não é uma questão de vantagem, é uma questão de necessidade porque as matérias-primas são esgotáveis".

Moradora do setor Lucio Costa, a professora Luíza Fernandes Bautista viu suas preocupações ambientais serem desperdiçadas. Quando era síndica do bloco A4, em 2004, ela levou adiante um projeto de coleta seletiva, mas teve de abortá-lo ainda no primeiro mês de implantação. A ideia era vender o lixo seco e, a partir dos lucros gerados, diminuir o valor das taxas de condomínio. "A comunidade comprou a ideia na hora, fez sua parte. Mas, nem a empresa de coleta, nem os catadores vieram aqui buscar o lixo recolhido", lamenta Luíza. (Érica Montenegro)

RIQUEZA DESPERDIÇADA

Em 2002, o engenheiro florestal Benício de Melo Filho analisou o lixo de 10 superquadras do Plano Piloto. Os resultados mostram que o que se joga fora na área central de Brasília é rico, mas pouco aproveitado.

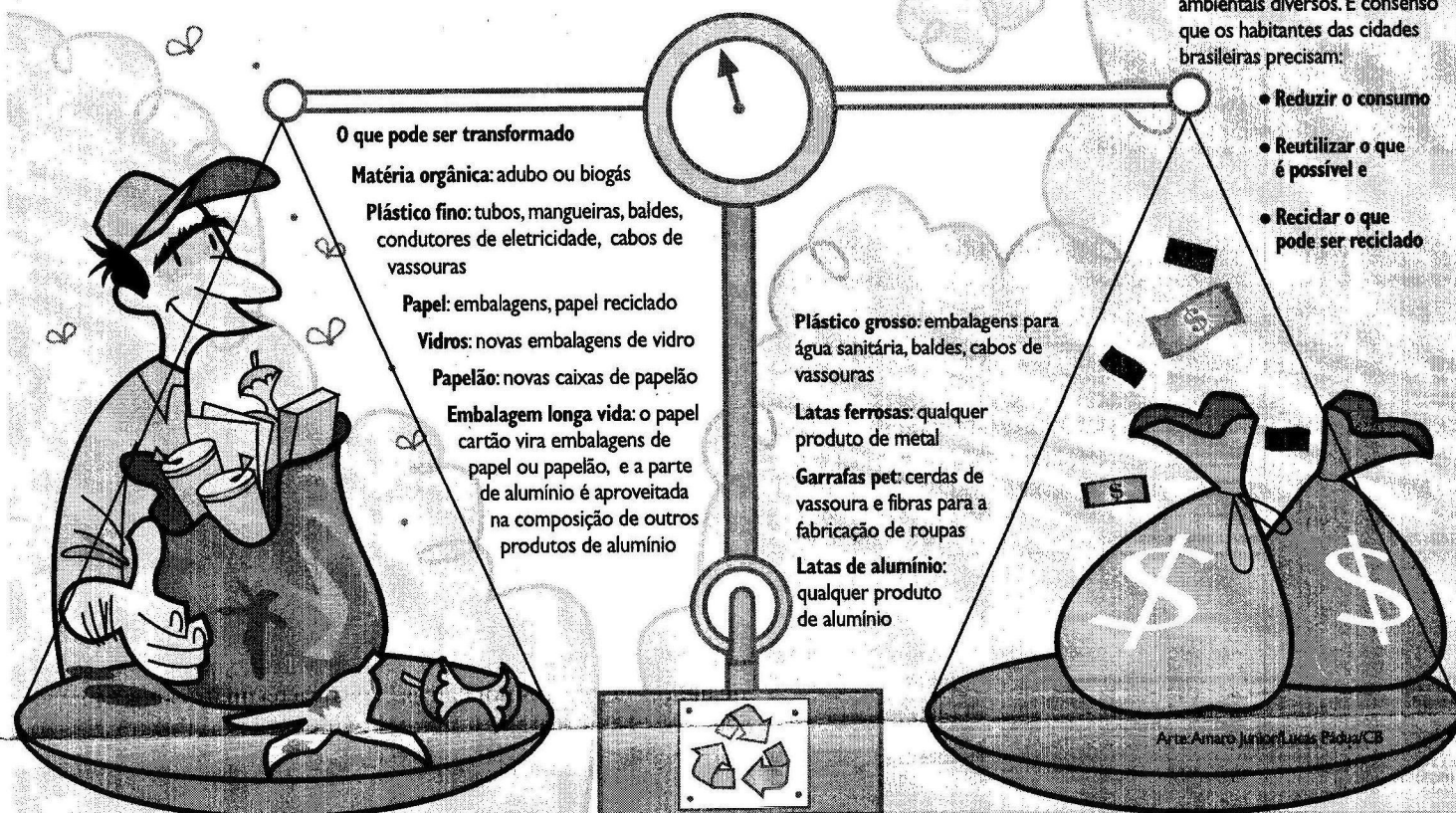


Nas contas do engenheiro florestal, se os moradores de uma superquadra comercializassem o lixo reciclável lucrariam R\$ 592,62 por semana. Ou seja, ao deixar de reciclar, os moradores das 32 superquadras do Plano Piloto perdem pelo menos R\$ 75.855 por semana.

Os três "Rs" da reciclagem

A quantidade de lixo domiciliar produzida no Brasil é de 115 mil toneladas por dia. O DF contribui para esse total com 1,8 mil toneladas. Tamanho consumo causa prejuízos econômicos e ambientais diversos. É consenso que os habitantes das cidades brasileiras precisam:

- Reduzir o consumo
- Reutilizar o que é possível e
- Reciclar o que pode ser reciclado



Nada se perde, tudo vira arte

Há sete anos, Vírgilio Mota, 55 anos, viu duas caixas de papelão de embalar geladeira desprezadas em uma das ruas de Taguatinga. Precisava de um guarda-roupa e decidiu tentar adaptar as caixas. "Eu morava em um espaço pequeno e não encontrava móveis que me servissem", recorda. Fez o móvel com caixas de geladeira e encontrou uma nova profissão: a de artesão do lixo.

De lá para cá, Vírgilio já criou 112 peças com o papelão que encontrou no lixo. São caixas, cinzeiros, maletas, baús, peças de decoração e móveis. "As possibilidades são infinitas, basta botar a cabeça para

funcionar". No ateliê onde trabalha, em Taguatinga, exibe uma cadeira premiada em exposição de decoração, que chega a agüentar 120kg.

Também impressiona uma caravela feita de papelão e cujo acabamento foi conseguido a partir de sacos de cimento. "Exige paciência, mas é das peças que mais gosto". A caravela custa R\$ 300 e demorou uma semana para ser feita. Duas pessoas trabalham com Vírgilio, que consegue lucrar entre R\$ 1.000 e R\$ 800 por mês.

Antes de virar artesão do lixo ou artista plástico ecológico — como ele prefere ser chamado —, o baiano era mestre-

de-obras. "Na verdade, comecei criando vasos de PVC", conta Vírgilio.

O processo de produção tenta seguir os princípios do desenvolvimento auto-sustentável. Para lavar o papelão e deixá-lo no ponto de ser manuseado, a equipe aproveita a água que já foi usada para lavar roupas ou que foi recolhida da chuva. A cola é atóxica. E todos os enfeites colocados a parte foram também encontrados no lixo. "Reviro lixeiras e, quando gosto de alguma coisa, guardo. Um dia, elas vão me servir", explica o homem que aprendeu a ganhar dinheiro com aquilo que usualmente é rejeitado. (EM)

Marcelo Ferreira/CB



VÍRGILIO MOTA FAZ MÓVEIS COM O QUE ENCONTRA NO LIXO DE BRASÍLIA